

1896



Ciência & Letras

PUBLICAÇÃO MENSAL

4.ª SÉRIE

N.º 10

DIRECTOR

P.^o Antonio Hermano

Assinatura: Quinhentos reis por anno

SUMMARY

O punhal por *A. Hermano* — N'um jardim (poesia), por *José Maria Agã* — O Estilo, por *Bruno d'Almeida* — A uma criança (poesia), por *Manuel Agã* — A' beira-mar, por *Agostinho Antunes* — No ensino, por *João Mario* — Lucis orto sidere, por *Rodrigo Moreno*.

REDACÇÃO

COLLEGIO DE S. DAMASO

GUIMARÃES

No Collegio de S. Dámaso



O Collegio abriu-se no dia 6 do corrente e as aulas principiaram a funcionar logo no dia 7.



Matricularam-se bastantes alumnos. No proximo numero da *Crença & Letras* daremos os nomes dos novos collegiaes.



As aulas de *classe* são frequentadas por cerca de sessenta alumnos. A direcção do collegio presta a estas aulas a mais sollicita attenção. No fim do anno farão o respectivo exame de passagem, no Lyceu, todos os habilitados.



O quadro docente e educativo foi este anno bastante modificado, permanecendo todavia os professores mais antigos.



O illustrado professor d'este collegio, P.^o Abel Pedro Pereira de Freitas foi provido na cadeira de allemão no Lyceu de Braga.

Damos parabens sinceros ao bondoso e illustrado professor, ainda que, verdade seja dita, sentimos devéras a sua falta.



Continuará a haver com regularidade a aula de Gymnastica. O gymnasio irá-se melhorando e completando progressivamente.



A direcção disciplinar e interna do collegio incumbe, já desde o anno passado, mais directamente, ao rev. H. Amandio, cujo zelo e habilidade educativa é bem provada.



A Associação de S. Luiz e de Santo Antonio ainda não fez a eleição da mesa gerente. Creio que a fará brevemente e que continuará a ser um bom elemento educador.



As famílias receberão boletins do aproveitamento moral e literario dos collegiaes. A distribuição será mensal e as notas serão expressas em numeros.



A completa regularisação dos boletins de contas é de interesse mutuo. Lucram as famílias, que não só o collegio. Esta lembrança sómente se refere a um pequeno numero, pois que a maior parte dos cavalheiros que aqui tem alumnos, são d'uma ponctualidade penhorante.



O ex-collegial Annibal Mesquita que em julho tinha feito cinco exames, fez na segunda epoca mais dois: Mathematica 6.º anno e Philosophia.

Muitos parabens.



Na mesma segunda epoca fez exame de Mathematica 6.º anno o ex-alumno Cypriano d'Oliveira e Silva e Albano José Peixoto o de Philosophia. Parabens.



A *Crença & Letras* é distribuida ás famílias dos collegiaes. Chamamos-lhes a attenção para as noticias d'esta pequena chronica do Collegio.

O punhal!



Ó a palavra — punhal — amarga a infamia, sabe a fel. Quem o crava, logo se ferretêa de — maldito.

Jámais haverá sob o sol, mão innocente, alma de candura, espirito nobre que se ageite a vibrar tal arma.

Só os maltrapilhos de cobardia, só os traidores felinos não terão nôjo de usal-a.

E' uma lamina pequena, esconde-se bem n'uma dobra do vestido, convém aos judas que trahem, dando beijos.

Com os dous gumes que tem, ferindo por um e outro lado, bem simbolisa a inteira desorbitação moral de quem o empunha.

E' arma curta e fria, como é pequeno e duro o coração do algoz.

Arma amaldiçoada! com ella se fizeram e farão as mais das tragedias tintas de sangue e negras de villania.

Arma da canalha! todos os que a manuseam fizeram praça nas fileiras degradadas dos sem-alma, dos marcados ao fogo do desprezo social.

O assassino que apunhala é um monstro contra quem são poucas todas as energias da indignação e todos os anathemas da condemnação.

E' sinistro o assalto descoberto do bandoleiro, mas tem algo de cavalheiresco no jogar a vida em asar igual: dá o peito ao combate. O sicario, esse embioca-se, esconde-se, disfarça-se, aninha-se, ras-teja: é vil.

A alma humana, vinda do Deus creador, parece conservar, na trama intima de seu maravilhoso ser, a divinal flamma da Summa Verdade de que procede. Borboletêa em direcção ao esplendor da Franqueza e da Justiça com o impeto forte das congenitas tendencias e cobre da sua irada colera esses desgarres da negra cobardia e da clamorosa injustiça, fructos de ruina, sasonados pelo atheismo rasteiro. A consciencia publica, em sobresalto, ergue-se altiva e imperiosa contra esses attentados, que marêam a soberania espiritual da razão, nor-teada por Deus e persegue-os, e crucifica-os, e joga-lhes as pedradas de sua inteira reprobção.

Ainda bem, se do charco, em sanie, das ignominias moraes, que salpicam o manto claro da realza do homem, surgem como jocundas flores do bem, esses protestos universaes, estridentes e castigadores, que nos soam como hymnos, ao Deus que levantou a sociedade em bases de serena justiça.

A. Hermano.

N'um jardim



Eu julgo estar na habitação das fadas,
Ou na formosa estancia dos amores,
Ao ver, n'este jardim, tão bellas flores,
Que exhalam fragrancias delicadas.

Nas petalas de rosa, avelludadas,
Mimos da primavera, encantadores,
Que pintor espargiu tão lindas côres,
— A prata, oiro e carmim das alvoradas?

Sorrisos da fecunda natureza,
Vós, que venceis, no encanto peregrino,
A luz dos astros, n'amplidão accesa,

Soltae, flores d'abril, soltae um hymno
D'aroma inebriante e de belleza
Ao summo Artifice, ao Pintor divino.

José Maria Ançã.



O Estilo



Ha quem sustente que a elegancia louçã do estilo não fica bem ao vigor masculino da ideia, nem ao luzimento nato da bella verdade. Todo o apostolado, dizem, seja chão e correntio, indifferente ás galas de dicção.

Não posso concordar.

Condemno tiradas ôcas, que só retumbem pompas sonoras de bumbo e reprovo, com a mesma condemnação, a phrase pelintra e rôta que jámais deixa entreluzir uma belleza, uma renda fina, uma joia. Entre os berros do tambor e os trapos da miseria, não ha escolha. Como quasi sempre, está a virtude no meio.

Não se dê o predominio á forma, isso nunca: A ideia domine e vivifique sempre o dizer. O contrario seria chinezice tonta. Não se caia porem no extremo opposto; não se deixe a idéa formosa e grande, apoucada e occulta na involtura de andrajos miseros. Dê-se á palavra a brunidura correcta e elegante, que valorisa o pensamento e captiva o leitor, com subtile flos de sêda. Não nos esqueça-

mos de que a prosa é a conversa em trajo *de visita*: vae para publico, não ha-de apparecer de roupão e chinellos: seria desprimor.

Cumpre, sim, que a fôrma e o conceito, em abraço meigo, se insinuem a par. Torturas infligidas á grammatica e pobreza desconsoladora de linguagem, levam-nos á convicção de que tambem a ideia não vale muito, visto que ao auctor não doeu pô-la a correr mundo, tão sem carinho, nem geito.

Na verdade, não ha negar que o estilo, a elegante forma cuidada, a galhardia da phrase, o encanto e o rythmo da linguagem, entra, com subida cotação no valor d'um escripto. Porque é que nos sedusem e levam á leitura attenta e repetida (para exemplo) os livros de Senna Freitas, embora não sejam pesados de lastro scientifico? Certo, é porque aquelle dizer attico e artistico canta melodico em nossos ouvidos, cria lances de curiosa novidade, em que algo se apprende, espalha, como primavera deleitosa, abadas de florações olorosas, por entre as quaes sempre se faz sentir uma poderosa vibração de sentimento.

E porque nos despedimos, a bocejar de desanimo, de outro volume ou de outro artigo, em que por vezes não falta o succo nutriente da erudição e do saber? Porque a sua linguagem ramranesca enfara o melhor appetite, cança, adormece-nos, como um narcotico. Não tem a correcção dignificante, não tem a movimentação orchestral, nem o engodo da novidade, aqui, além. Não faz rir, nem faz chorar: não illustra e não prende. E' morta, fria, anodina, pobre demais.

Não ha duvidal-o: livros e jornaes devem-se escrever para que sejam lidos, e todos estamos a ver que o melhor reclamo, que podem levar para o marulho da vida, é um êstilo correcto ou formoso, que emparelhe com o valor do pensamento, de que são escriptorio.

Já trouxe, á balha do exemplo, os livros de Senna Freitas. Prendados como são, de forma bella e viva, correm, lêem-se, estimam-se. Em caso similar estão as publicações de Ayres de Gouveia, onde não sabe a gente se mais victorie a profundidade do conceito philosophico, se a nobre magnificencia da linguagem, que o enquadra; os discursos opulentos de Alves Mendes, ainda que, é certo, se arreiam e empolam em demasia; os livros de Martins Capella, impeccaveis e docemente rescendentes a vasta lição classica; as conferencias de Mgr. Rodrigues Vianna, tão louças e tão artisticas;... Isto, para amplificar o exemplo, sem recorrer a seara menos nossa; pois, se ahí quizermos fazer colheita, mais se nos confirmará o asserto.

Não, nunca será indifferente aos leitores a fórma porque se lhes insinua a idéa. Em cada um de nós ha um irreprimivel senso artistico, que se namora da belleza, onde quer que ella se objective; por isso, sempre, os livros ou quaesquer escriptos, ermos de seductora elegancia, serão supplantados na concorrência e dormirão sob o pó do desprezo.

Bruno d'Almeida.

A uma criança



Contempla, meiga flor, a lua — esse astro, —
que além, no espaço, uma orbita descreve,
ostentando seu rosto, côr de neve,
bordadas suas vestes d'alabastro.

Lá nas alturas d'essa curva infinda,
banhadas noite e dia de luz pura,
as brumas vão toldar a formosura,
a doce paz da lua etherea e linda.

E que tormento o seu ! ai, quão profundo
o penar d'essa rainha fulgurante ! . . .
Vagar no azul, qual Ahasvero errante
vagueia eternamente pelo mundo !

Ao menos, se na cérula amplidão
volver pudesse ao tumulto do nada,
lá quando a nivea fronte, já cançada,
amortecesse emfim . . . Mas quê ! ? Em vão.

Como o farol, que na praia,
ora brilha, ora desmaia,
aos olhos do navegante ;
como a folha, que deslisa,
impulsada, pela brisa,
no regato murmurante ;

como o batel na corrente,
bordejando, incertamente,
segundo o rumo do vento ;
como o roble, no ermo erguido,
que se baloiça... impellido,
pelo tufão violento ;

como a onda, que na areia,
ora se espraia, ora alteia,
ora avança, ora recua,
como a aurora purpurina,
que ora nasce, ora declina...
tal o fadario da lua.

*

Tambem tu soffres, creança, agra desdita,
que tortura, sem dó, teu coração ;
envolve, eu sei, o manto da afflicção
tu'alma virginal, huri bemdita.

Mas que misterio é este — o ser, a vida,
que Deus concede á pobre humanidade?...
Breve suspiro, em uma soledade,
essencia que se esvae d'urna partida.

Qual sol, a vida corre a trajectoria,
desde o berço infantil á campa fria...
Depois... quebrado o vaso, onde jazia,
transpõe da terra a linha divisoria.

• • • • •
• • • • •

Supporta, pois, a cruz de teu martirio,
o calix do teu horto, a impia sorte,
até que venha arrebatat-te a morte,
margarita gentil, candido lirio.

Manuel Ançã



À beira-mar



UMA fascinação irresistível nos arrasta ao mar; nenhum povo se deixou ainda seduzir tão poderosamente pelo canto da se-reia. Accendeu na nossa imaginação ardidamente peninsular os sonhos dourados da gloria e negaceou-nos com o sorriso feiticeiro da aventura.

Apanhou-nos na rêde dos seus mysterios que falavam á nossa indole aventureira e audaz. Pairavam sobre elle agouros sinistros e o rythmo cavernoso das suas ondas dizia-nos cousas lugubres que espertavam a ancia do desconhecido em que ardiamos.

Ao seu seio soltamos as primeiras velas como Noé as primeiras azas, como exploradoras e mensageiras, que sobrenadaram incognitas durante annos antes que trouxessem a palma do novo mundo. D'elle manou a chuva prolifera de riquezas que fez de Lisboa a cabeça da Europa e sobre elle bordou o nosso epico a maior epopeia maritima do mundo.

E nelle bebemos esta doce poesia da saudade quando uma tarde vimos atufar-se nas suas ondas o sol que nos alumiara e aquecera.

Porque esta melancolia que nos ficou dos revezes da fortuna casa-se profundamente com a melopeia triste das aguas que parecem prantear o occaso do sol.

E o nevoeiro esfumado que o envolve semelha o véu de luto que a natureza cinge na desolação maguada da sua viuvez.

O soluçar cadenciado das ondas lembra uma expiação de almas errantes que pedem á terra a sua supplica e ao ceu o seu perdão, nessa toada emocionante que fere os corações sensíveis.

Não sei de eremiterio mais suggestivo de suas melancolias que o aspecto do Oceano: a sua apparente immensidade eleva-nos á intuição do Immenso, a sua inexhaurivel fecundidade proclama a presença d'uma Providencia e o profundo mysterio da sua harmonia fala-nos da existencia do Ignoto.

A' beira-mar o espirito sente-se desopprimido dos liames materiaes etherisando-se e evolando-se ás azuladas campinas do ideal; e a alma vae-se tonificando como se uma ablução espiritual a lavasse dos baixos instinctos.

Comprehendo que após instantes de serena contemplação do mar o coração sinta pipilar em si a avesita da poesia e a intelligencia perceba arroubos desconhecidos na aspiração á suprema verdade.

E' bom confidente de maguas porque as acaleta convidando o espirito a vergar sobre si, numa concentração scismadora.

Estes soliloquios da alma nesse dormitar languido são a voluptuosidade da dôr. Os romanticos inspiraram-se d'elle nas suas visualidades tarjadas de tristezas e requestavam as musas para cantar as nymphas.

Nessa faixa de littoral estende-se hoje ainda a mais genuina e pura raça lusitana embalada pela canção das aguas e recostada na alva toalha d'areia.

Os maritimos crentes até á superstição e arrojados até ao heroismo guardam nas veias o mais vermelho e menos azul sangue saxonio rebelde á degeneração da raça latina.

A tez bronzeada a osculos do sol ressuma vida alheia a doenças como a fruiram nossos maiores. A musculatura athletica temperada no trafego da pesca, extranha á effeminação de estufa dos organismos hodiernos, recorda as formas esculpturaes dos lidadores gregos.

São elles os depositarios mais zelosos das nossas tradições que a sua rica imaginação povoa de lendas sympathicas.

A isolacão em que se mantém, como que amputados do corpo social, preserva-os da gangrena da inercia, que é o anjo mau da civilisação.

S. Damaso.

Agostinho Antunes.



No ensino



PROFESSOR, em frente dos juvenis espiritos, que tem de espançar á luz do saber, deve provocar uma dedicada estima á mistura com um merecido respeito.

Nem ha de levantar a barreira isoladora do desagrado, que repugne com a affeição, nem ha de adoptar a rasoura da familiaridade, que abate a consideração.

Seja sempre amigo generoso e, de que o é, dê prova quando aso se offereça, mas fique algo mais alto que o ensinado.

Não se altear em demasia, nem se nivelar por completo será o ideal. Seja como o bom pae que, sem perder o amor de seus filhos, sabe judiciosamente alternar a vasa com os afagos.

Nada tão benefico no ensino como a amiga e respeitosa confiança dos educandos. Desbravam-se mais suavemente as difficuldades, fecunda-se a in-

telligencia e illumina-se com as clareiras da bem-dita alegria, os abrolhos da lição espontam-se, esbate-se a treva da ignorancia ao calor da boa vontade. Até a aula se póde assim converter de tortura dolorosa e odeada em recreação attraente, que se appetitece.

E' este o bom fructo saboroso d'aquella disposição amiga, fructo que jamais terão a dita de colher os que, seguindo rotinas velhas e condemnadas, querem guindar a sua auctoridade scientifica a alturas ridiculas, nem escutam amoravelmente as duvidas e as consultas de seus discipulos, com receio de arriscar um imaginario prestigio. Esses, que ainda ha annos eram os mais, tinham o triste condão de crear, á roda de suas augustas e terriveis pessoas, uma lenda de medo e uma atmosphaera de frio, de desconsolo e de tristesa capaz não só de garrotar os sentimentos generosos, mas tambem de entorpecer e acanhar a intelligencia, pondo na vontade um tédio e aborrecimento indiziveis pelas inquirições intellectuaes que, ordinariamente, bem condusidas, são gratas á curiosidade infantil.

Deixem pois que a amizade respeitosa entre alegremente nas aulas, e se traduza, ora ou logo, no timbre jovial do riso, que dá calor e saude, como uma lufada de ar puro ou como uma restea de sol doirado.

João Mario.



Lucis orto sidere



ELLO este hymno da hora Prima!

Raia a manhã. E' mais um dia que Deus nos dá. Deve ser para Elle, para o Altissimo, essa oração sentida.

De joelhos, confiados, crentes, pedimos-Lhe que nos desvie e guarde dos maus, dos perversos, que, a mãos cheias, lançam, a toda a hora, a semente ruim do crime e nos conserve na ala dos seus, sob a bandeira do Bem.

E que refreie a nossa lingua tão proclive a fomentar a discórdia, a lingua que tantas vezes mente, calumnía e infama e accende a labareda do odio.

E que ante nossos olhos lance o sendal da piedade e os affaste da volupia, que marêa a nivea flôr da pureza, e das illusorias e estonteadoras grandezas mundanaes e antes nos accorde para a

contemplação mística do crucifixo — espelho claro das virtudes mais divinaes.

E cinja da candura da verdade os segredos do coração, donde irradia para a vida o bem que exalça ou o peccado que avilta.

E que corrija com a sua doce brandura de manso cordeiro os impetos desvairados do espirito que, vendado, resvala e cae.

E que não nos deixe fascinar das illusões da carne d'esse pó que o tempo para logo esgasta e desvanece, por mais que se alinde de formosuras ou se recame de joias.

E que não permita que pelos baixos prazeres da mesa troquemos a nossa rica e dignificante corôa de seres racionaes e livres, para nos descermos abaixo da linha do animal, obediente, pelo menos, ao bridão do instincto.

Tudo isto lhe pedimos, na matinal hora de Prima, para que, quando a vida fugaz, a tiver devorado o Tempo, e a escura noite da morte tiver chegado precepite, possamos subir ás regiões gloriosas dos eleitos, immunes da poalha contaminadora do mundo.

Rodrigo Moreno.

